INFINITUM
ISSN: 2595-9549
Vol. 8, n. 17, 2025, 1 - 14
DOI: https://doi.org/10.18764/2595-9549v8n17e26368

Entre espelhos: alteridade e (re) construção do "eu" em *Olhai os lírios do campo*, de Erico Veríssimo

Carla Vitória Pontes Mendes
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: carlavitoriapmendes@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0009-0006-7034-1400

Andrea Teresa Martins Lobato
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão
E-mail: andreatmlobato@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9066-2064

Resumo: A reificação do humano, o sujeito, a subjetividade, o eu e o discurso ocupam espaços significativos em nossa contemporaneidade. Sob esse prisma, este estudo tem por objetivo estabelecer as relações de alteridade e (re) construção do eu presentes na obra *Olhai os Lírios do Campo* (2011), de Erico Veríssimo, pela qual se analisa as configurações e as semânticas dos personagens "Eugênio" e "Olívia", o que reflete em como a narrativa pode ser compreendida e analisada a partir desses dois vieses. Além disso, se constrói um diálogo entre a literatura e a psicanálise, o que mobiliza o discurso dos personagens sendo pensado não apenas como um valor expressivo, mas como modalidades de suas existências. À vista disso, a vertente teórico-metodológica de natureza analítica, insere-se ao cunho qualitativo e bibliográfico, utilizando teóricos como Landowski (2002) e Freud (1999), o que configura uma análise sobre como a arte altera a condição do homem no mundo.

Palavras-chave: Alteridade. Eu. Personagem. Olhai os Lírios do campo. Literatura.

Between mirrors: otherness and (re)construction of the "self" in Look at the lilies of the field, by Erico Veríssimo

Abstract: The reification of the human, the subject, subjectivity, the self and discourse occupy significant spaces in our contemporary world. From this perspective, this study aims to establish the relations of alterity and (re)construction of the self present in the work Olhai os Lírios do Campo (2011), by Erico Veríssimo, through which the configurations and semantics of the characters "Eugênio" and "Olívia" are analyzed, which reflects how the narrative can be understood and analyzed from these two

perspectives. In addition, a dialogue is constructed between literature and psychoanalysis, which mobilizes the discourse of the characters, being thought of not only as an expressive value, but as modalities of their existence. In view of this, the theoretical-methodological approach of an analytical nature is inserted into the qualitative and bibliographical aspect, using theorists such as Landowski (2002) and Freud (1999), which configures an analysis of how art alters the condition of man in the world.

Keywords: Otherness. Me. Character. Look at the Lilies of the field. Literature.

Entre espejos: alteridad y (re)construcción del "yo" en Mira los lirios del campo, de Erico Veríssimo

Resumen: La cosificación de lo humano, del sujeto, de la subjetividad, del yo y del discurso ocupan espacios significativos en nuestra contemporaneidad. Desde esta perspectiva, este estudio tiene como objetivo establecer las relaciones de alteridad y (re)construcción del yo presentes en la obra Olhai os Lírios do Campo (2011), de Erico Veríssimo, a través del cual se analizan las configuraciones y semánticas de los personajes "Eugênio" y "Olívia", lo que reflexiona sobre cómo la narrativa puede ser entendida y analizada desde estas dos perspectivas. Además, se construye un diálogo entre literatura y psicoanálisis, que moviliza el discurso de los personajes, pensándolos no sólo como valor expresivo, sino como modalidades de su existencia. En vista de ello, el aspecto teórico-metodológico de carácter analítico se inserta en el aspecto cualitativo y bibliográfico, recurriendo a teóricos como Landowski (2002) y Freud (1999), lo que configura un análisis de cómo el arte altera la condición del hombre en el mundo.

Palabras clave: Alteridad. I. Carácter. Mira los lirios del campo. Literatura.

INTRODUÇÃO

> *Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível (Thomas Jefferson).*

A arte literária atua como um instrumento de percepção da realidade (embora a literatura não tenha compromisso obrigatório com o real) e como uma revelação do oculto, do indizível. Por meio dela, é possível assumir uma postura crítica em relação ao mundo e examinar as faces do enunciador em sua multiplicidade de

vozes, dando atalhos e ferramentas utilizados na composição de sua estética e constituição literária.

Sob esse ângulo, o espaço literário permite pensar e se expressar de forma libertária, o que faz com que a literatura assuma diferentes funções, dentre elas, a relação com o campo da psicanálise, o que é um fator que abre portas a diversos significados e significações, a saber: a representação do homem e do mundo.

Desde que se estabeleceu como um ramo da psicologia, a psicanálise busca na literatura um objeto de ilustração para muitas de suas abstrações e pensamentos teóricos. Sigmund Freud, autor da área, reconhecia no campo literário um terreno vasto e revelador da mente humana. Desse modo, acontece uma relação entre psicanálise e literatura, esta como apoio daquela para expressar e ilustrar seu entendimento acerca do ser humano, mais especificamente de seu aparelho psíquico. Logo, a psicanálise entra como um elemento crítico da literatura.

Nesse sentido, tendo em vista que a literatura se configura como um instrumento que por sua capacidade de verossimilhança (semelhante ao que é verdadeiro) com o mundo humano, - mesmo que de modo fictício – convoca o leitor a se posicionar, confrontar, contrapor e questionar, faz com que este estudo se volte para a análise da narrativa ficcional *Olhai os lírios do campo* (2011) de Erico Veríssimo, no viés não só da literatura bem como da psicanálise, utilizando da alteridade e da reconstrução do eu para estabelecer um diálogo entre os dois campos de estudo. Logo, o artigo propõe uma reflexão na qual se observa a recorrência de dois campos indissociáveis na obra: literatura e psicanálise.

Este é um estudo que parte de uma afecção mediante a leitura da obra. Desse modo, pretende-se mostrar o quanto o autor capta as sutilezas e as semioses do discurso do desejo inconsciente, de um eu em processo de construção, desconstrução e sobretudo reconstrução. Adentra-se, ainda, em um diálogo com o texto e com a vida por meio dos personagens pelo qual o íntimo ganha tonalidades e contornos.

O livro traz o personagem Eugênio, que se constitui como a representação do sujeito em busca de si, em busca de um significado, de um sentido e até mesmo de uma essência identitária. Nessa perspectiva, a proposta desta análise explora e estabelece as relações de alteridade e (re) construção do eu presentes na obra, analisando as configurações dos personagens "Eugênio" e "Olívia", o que nos refletir em como a obra *Olhai os Lírios do campo* de Erico Verissimo (2011) pode ser compreendida e analisada a partir do viés da alteridade e da reconstrução do eu?

Em primeira instância, pensa-se os estudos e as conceituações acerca da alteridade, e em segunda, a análise literária e psicanalítica do texto. Essa ótica proposta, de adentrar na fala do autor, nos interessa em três pilares (que nortearão o estudo); o primeiro, de enquanto afirmação do que foi, o segundo, o que o tempo é capaz de provocar, e o terceiro, como a arte altera a condição do homem no mundo.

Vista em sua conjuntura, na obra encontram-se injunções ideológico-reflexivas acentuadas, diálogos ininterruptos com um "eu" atormentado e acolhimento a outras instâncias como a dimensão pessoal, a social e a cultural.

Mediante o estudo, supõe-se que ao elencar e mostrar o texto literário como uma ferramenta de valor construtivo, pode-se aguçar a curiosidade e criticidade acerca das relações estabelecidas na obra, bem como estimular discussões acerca de uma semiótica da experiência por meio do personagem, além de identificar a função de alteridade mostrando a sua relevância da literatura no contexto social.

ESPELHOS DO EU E DO OUTRO

> *O espírito de gentileza poderia salvar o mundo. O que nos falta é isso: espírito de gentileza. Boas maneiras de homem para homem, de povo para povo (Veríssimo, Olhai os Lírios do Campo, 2011).*

CC BY

Eduardo Lourenço (1995), ensaísta e crítico literário, aborda que por meio do que a literatura proporciona, em relação ao dado real, ela tem a capacidade de preencher lacunas, desvios e até mesmo fraturas visíveis e invisíveis:

> O que chamamos literatura não tem outra essência nem outra finalidade do que antepor entre nós e o chamado real, obstáculo ou ameaça, a teia sem começo nem fim da ficção, o único estratagema positivo que concebemos, que somos, para escapar ao que, tocado ou visto, nos destruiria (Lourenço, 1995, p. 18).

Isto posto, ao se pensar em alteridade, ela advém do vocábulo latino *alteritas*, que significa ser o outro ou ser com o outro, portanto, designa o exercício de colocar-se no lugar do outro, de perceber o outro como uma pessoa que possui sua singularidade e subjetividade. Nessa perspectiva, a alteridade conversa com a literatura e com a psicanálise por também preencher fraturas e lacunas.

Acerca do que se entende sobre alteridade, o dicionário *Aurélio* traz a seguinte definição de alteridade: "al.te.ri.da.de - (francês *alterité*) - substantivo feminino - 1. Qualidade do que é outro ou do que é diferente. - 2. [Filosofia]. Caráter diferente, metafisicamente."

Segundo Francisco Porfírio (2024), a psicologia dialoga com a possibilidade de uma existência que difere da minha. O teórico aborda que o que faz com que eu me perceba como alguém diferente do outro está assentado na própria filosofia, no entanto, o que faz com que eu me perceba como alguém superior aos outros é um fenômeno psicológico.

De acordo com Noam Chomsky, a literatura possibilita uma introspecção muito mais profunda às pessoas do que qualquer outra ciência o pode fazer. E essa introspecção na qual o linguista se refere, permite vislumbrar a alteridade em sua essência, haja vista que ela acontece como um exercício dentro do profundo do humano.

Nesse sentido, de acordo com Bakhtin (2003, p. 294), "a experiência individual discursiva de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação

CC BY

constante e contínua com os enunciados individuais dos outros". Esse processo pode ser caracterizado como uma assimilação das palavras do outro e não das palavras da língua que ainda estão em potencial de uso. O autor sublinha que isso acontece pelo fato de:

> [...] nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras de outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (Bakhtin, 2003, p. 294 e 295).

Entretanto, essa perspectiva não é exclusividade da modernidade, uma vez que a literatura revela por meio de seu processo de reconstrução do passado uma antiga estrutura para problemas que ainda persistem, mesmo na modernidade.

Mediante essa práxis de modernidade e humanidade, esta pesquisa analisa a narrativa de *Olhai os lírios do campo (2011)*, com o intuito de pensar na tríade sujeito-eu-alteridade para entender como a literatura e a psicanálise atuam mutuamente.

A obra se passa no momento histórico que foi escrita, em meados dos anos 30, descrevendo a vida de Eugênio (protagonista), um personagem que viveu em meio a pobreza (e não somente pobreza no quesito financeiro, mas pobreza de caráter também), e mediante sua condição de vida, desenvolveu nele um anseio alcançar melhores perspectivas, uma vida melhor e de superioridade também. Eugênio teve um passado carregado, com difamações, humilhações e brincadeiras por conta de sua aparência, modo de se vestir e entre outros.

Na obra, é latente a crise existencial de Eugênio em casar-se por interesse com uma refinada integrante da alta sociedade para ascender socialmente e financeiramente, deixando de lado os apelos do seu íntimo, da sua subjetividade, que apontam para a abdicação que terá que fazer da companhia da mulher pela qual é apaixonado. Ao tomar sua decisão, o personagem se coloca em debates constantes consigo, especialmente quando o passado retorna de forma abrupta e violenta o colocando em desesperadora agonia.

As semânticas da narrativa revelam uma elaboração crítica de escrita, em que o autor alterna, entre um capítulo e outro, relatos da infância/juventude e do presente de Eugênio, no qual constrói um mosaico de memórias que traçam um panorama rico sobre a subjetividade e personalidade do personagem, bem como as principais figuras que viviam e vivem em seu entorno.

Na narrativa há espelhos do sujeito do passado e do sujeito do presente. Na primeira parte do livro, há a configuração de debate sobre classe. Eugênio, personagem principal quer ser rico e superior. Ele não quer igualdade, não quer que outros como ele tenham sucesso. Sendo assim, ele desenvolve ódio pelo seu estado de pobreza quando criança e isto o torna incapaz de refletir sobre quem é o verdadeiro vilão ou anti-herói de sua vida, como no excerto:

> Eugênio tinha uma grande pena do pai, mas não conseguia amá-lo. (…) mas por mais que se esforçasse, Eugênio não lograva ir além da piedade. Tinha pena do pai, isso sim. Porque ele tossia, porque suspirava, porque se lamentava, porque se chamava Ângelo. (Veríssimo, p. 26)

É uma obra que traz a condição humana e a regeneração do eu, esse eu dividido entre o amor, a ambição, o egoísmo e as alianças sociais. Sendo assim, a alma humana e generosa (Olívia) se divide com a ambição pela grandeza e pelos bens materiais. Pulsa um ser humano atormentado e conflituoso durante a narrativa.

A exemplo disso, na obra, o narrador, em meio a um fluxo de consciência (monólogo interior), reflete sobre a transformação no modo como Eugênio (médico ainda inexperiente) vê seu ofício após ter contato com a prática, ou seja, após perceber as dificuldades reais que separam os pacientes em classes distintas:

> Agora, porém, tudo era diferente. Ele principiava a ser um médico de verdade, estava diante da vida, atendia a seus clientes com toda solicitude e às vezes tinha de esforçar-se para ser delicado e não se encolher diante de criaturas que pelo aspecto físico ou pela natureza de seus males lhe inspiravam repugnância ou mal-estar. (...) Vivia em contato com a miséria humana, entrava na intimidade de seus clientes, era convidado a dar opiniões e conselhos em torno de assuntos que muitas vezes escapavam às atribuições

> e mesmo aos conhecimentos dum simples médico. Caía de surpresa em surpresa (Veríssimo, 2011, p. 246).

Nesse sentido, ao se pensar a alteridade, ela se desenvolve a perspectiva de que eu e o outro pode ser um vislumbre do espelho, espelho do diferente, da empatia, da diversidade. Ademais, no que se refere à psicanálise, é notório que ela se volta para a mente humana. Cada artista, mediante a sua subjetividade, revela a influência de culturas, organizações sociais e de sua própria constituição psíquica na obra que compõe.

Para os psicanalistas, é fundamental a atenção às criações artísticas no estudo da psicanálise. Nesse sentido, Birman faz a seguinte consideração: "Esta articulação entre saber psicanalítico e tradição literária é um tópico fundamental, uma das condições de possibilidade para que se empreenda a metodologia psicanalítica" (Birman, 1991, p. 106-7).

Visto isso, é possível estabelecer diálogos entre literatura e psicanálise, haja vista os aspectos literários que visam auxiliar na compreensão a respeito da psique humana. De acordo com Freud, por exemplo, ele diz:

> Tenho observado que o assunto obras de arte tem para mim uma atração mais forte que suas qualidades formais e técnicas, embora, para o artista, o valor delas esteja, antes de tudo, nestas. Sou incapaz de apreciar corretamente muitos dos métodos utilizados e dos efeitos obtidos em arte. Confesso isto a fim de me assegurar da indulgência do leitor para a tentativa que aqui me propus. Não obstante, as obras de arte exercem sobre mim um poderoso efeito, especialmente a literatura e a escultura e, com menos frequência, a pintura. Isto já me levou a passar longo tempo contemplando-as, tentando apreendê-las à minha própria maneira, isto é, explicar a mim mesmo a que se deve o seu efeito (Freud, 1913, p. 217).

Através da análise dos personagens literários, é possível identificar traços comportamentais individuais e coletivos do sujeito, de sua personalidade e entender seus conflitos internos. Além disso, a literatura também pode ser uma forma de expressão dos desejos, medos e conflitos íntimo do autor, o que permite uma análise psicanalítica de suas obras.

A RECONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM

> *Precisamos dar um sentido às nossas construções. E quando o amor ao dinheiro, ao sucesso, estiver nos deixando cegos, saibamos fazer pausas, e admirar os lírios do campo e as aves no céu (Veríssimo, Olhai os Lírios do Campo, 2011).*

O personagem constrói sua identidade, em primeira instância, a partir da diferença que o separa do mundo de classe alta. Ao entender essa diferença, ele tenta se igualar a ela, para poder ser reconhecido como sujeito e ter o benefício que almeja. A construção de sua identidade está na recusa do que ele é e na afirmação do que o outro é. Com o decorrer da narrativa, Eugênio e uma moça chamada Olívia, de seu curso de medicina, se aproximam e vemos a configuração de um homem dividido entre o amor e a ambição. Mas com o passar do tempo, o caminho dos dois personagens se afasta.

Convém mencionar que a inteligência que a narrativa é construída merece reconhecimento. Passado e presente conversam na obra, que é composta por duas partes, duas linhas narrativas. A trama inicia instigando o leitor, uma vez que a primeira parte da história é permeada por flashes, memórias, alusões ao momento em que ele parte para o hospital em busca de Olívia que estava muito mal de saúde, e incentivado pela perda que teve (a morte de Olívia), sofre uma fratura/ um tormento que modificará as relações familiares e as visões de mundo dele.

Desse modo, a primeira metade do livro é dedicada ao intimismo, à exploração de complexos e traumas, da personalidade desse Eugênio humano, falho, imperfeito, anti-herói; ao passo que a segunda metade é o protagonista em busca de algum impacto ao seu redor, uma narrativa mais social, desenvolvimento de sua

regeneração moral, sua transição de tirano/anti-herói a herói, bem como suas motivações para continuar vivendo.

Na primeira parte do livro, a situação de constante emergência na qual o personagem está inserido no tempo presente e a corrida contra o tempo, insere uma atmosfera de apreensão, de angústia crescente, que envolve o leitor no prosseguimento da leitura até a resolução dessa crise em volta do personagem.

No que se refere à alteridade, aspecto percebido na obra, parte do imaginário que contempla o outro, mas não o vê, que vê os corpos dos sujeitos sociais, mas não a sua alma, o que provoca e suscita "o homem no vazio do homem", como diz Foucault. Sendo assim, quando se pensa na alteridade, há a possibilidade do ser coletivo, de olhar para o eu do outro. O personagem Eugênio, por exemplo, quando alcança o conforto que queria, é assombrado pelo vazio de sua vida. Olívia provoca sua consciência por meio de reflexões, que defende um ser humano melhor, e como médico, perceber a sua função social e ter um atendimento humanizado.

Com o decorrer da narrativa, o sujeito personagem recria a si mesmo e desenvolve complexos problemas inerentes à existência:

> Eugênio sente vontade de saltar para o banco da frente e confiar a sua angústia e os seus segredos ao motorista. No fundo, ele sabe que pertence mais a classe de Honório que a classe de Eunice. Nunca o pôde tratar com a superioridade com que a mulher e o sogro lhe dão ordens como se ele fosse feito de uma matéria mais ordinária, como se tivesse nascido exclusivamente para obedecer (Veríssimo, 2011, p. 12).

Como visto, a alteridade é o reconhecimento da diferença, tanto no significado linguístico comum quanto no significado filosófico, pois a alteridade é o que é, por essência e definição, diferente. Segundo Nicola Abbagnano (1998), lexicólogo, alteridade significa "ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro."

Em dado momento do texto, há a seguinte passagem:

> De novo a lembrança das suas cegas brutalidades. – Não sou mau, não sou mau - murmura Eugênio, numa obstinação, como que procurando convencer-se a si próprio. Sente secretas reservas de bondade. Há no seu ser uma parte

> boa e pura que está apenas à espera de uma oportunidade para dominar. Olívia estava-lhe criando aos poucos essa oportunidade. Costumava dizer-lhe: O que tu precisas é aceitar as criaturas. A Humanidade não tem culpa da maldade daqueles poucos homens que te humilharam. Ela tinha razão. Ele vive contra o Mundo. Talvez sinta até uma certa volúpia nesse conflito. E agora, se Olívia morrer, ele terá de procurar sozinho o seu caminho. Eunice será sempre uma pedra de tropeço. O passado, um peso morto (Veríssimo, 2011, p. 29).

A reconstrução do personagem acontece aos poucos por meio de suas vivências. De acordo com o pesquisador Eric Landowski (2002, p. 3), para que o mundo tenha um fundamento e faça sentido é preciso que ele apareça às pessoas como um universo articulado, em um sistema de relações formado por oposições. Somente o reconhecimento de uma diferença "permite constituir como unidades discretas e significantes as grandezas consideradas e associar a elas, não menos diferencialmente, certos valores, por exemplo, de ordem existencial, tímica ou estética" (idem, p.3).

O pensamento de Landowski revela a dinâmica do mundo como um jogo de opostos, de relação entre diferenças em que se constituem os valores que perpetuam tensões entre os desiguais. Também o sujeito é forçado a se construir pela diferença e necessita de um "outro" que a defina. Como o autor explica (idem, p.4):

O que dá forma, corpo e sentido à minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a alteridade do outro, atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. Assim, quer a encaremos no plano da vivência individual ou como será o caso aqui – da consciência coletiva, a emergência do sentimento de ´identidade´ parece passar necessariamente pela intermediação de uma ´alteridade´ a ser construída.

Nesse ínterim, as principais características de como a alteridade atua na narrativa são a consciência da diversidade e o reconhecimento da existência de outros indivíduos. Pode-se destacar Olívia, em um primeiro prisma, como o exercício da

CC BY

alteridade, a prática da alteridade reconhecida e desenvolvida na obra, por sua vez, em um segundo prisma, motivado por ela, Eugênio se torna essa prática de alteridade.

Olívia amava Eugênio e tinha paciência e esperança de que ele despertaria de sua fase egoísta e de seu complexo compulsivo de inferioridade.

Tendo isto por entendimento, a alteridade é fundamental para a construção da identidade ao definir o sujeito e para que ele se defina a partir do que o difere do outro. Em *Olhai os Lírios do Campo* (2011) as relações entre os personagens podem ser compreendidas a partir da alteridade.

Desse modo, é possível perceber nas construções dos personagens Eugênio e Olívia tal viés, visto que vão se formar de modo divergente, distinto, configurando a alteridade em situação, estado ou qualidade que se constitui por meio de relações de contraste, distinção, tendo em vista que Olívia compreendia o ser de Eugênio como um ser diferente do dela e ainda assim, houve respeito com o diferente e ainda, relacionamento de afeto entre eles, logo, a diferença é estabelecida a partir da convivência com o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor quando desenvolve personagens como Olívia e Eugênio nos aproxima da obra e do real, uma vez que são personagens que não estão distantes da nossa humanidade, mas que são tão humanos, tão falhos em busca de um sentido que se torna quase palpável. Veríssimo nos revela uma obra que explora covardia, esperança, bonança, perdas, o profundo do humano e da condição humana, logo, "Olhai os Lírios do campo" é uma obra que é humana.

A partir da atuação conjunta entre os dois saberes, literatura e psicanálise, torna-se possível ainda hoje, em 2024, captar como a obra *Olhai os Lírios do campo* conversa com aspectos humanos e com aspectos culturais. Pela vivência das personagens

acompanhamos uma realidade social. A obra proporciona, portanto, a discussão acerca da alteridade, do transformar-se a partir deste outro que lhe define, sendo assim, acerca de uma transformação que seja para o bem ou para o mal e é sob esse ângulo que a reconstrução do eu acontece. Quando se fala nessa reconstrução, coloca-se em pauta os eus pelos quais o personagem passou e que o transmutou para que chegasse ao seu eu final da narrativa, regenerado, o que nos permite fazer essa conversa de anti-herói para herói e por conseguinte dialogar com a psicanálise.

Com esses apontamentos e reflexões sobre alteridade, mostra-se como a obra é contemporânea e atemporal, ao mesmo tempo em que sugere possíveis modificações daquele lê sobre a temática e entende a relevância de exercer a alteridade, haja vista que a discussão sobre alteridade ainda é algo embrionário no país.

Mediante análise e estudo da obra, pode-se perceber o desenvolvimento e a importância da literatura enquanto um dos instrumentos de construção do pensamento social brasileiro, bem como olhar para o outro na perspectiva do espelho, essa alteridade como compreensão do eu e do outro enquanto sujeito. Além dessas configurações, pode-se extrair que *Olhai os Lírios do campo* tem por ensinamento um mundo mais tolerante, que clama e conclama por um mundo mais pacífico e menos desigual.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 35.

Veja mais sobre "Alteridade" em: https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Ed. Comemorativa – 100 anos. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. 8. Ed. Rio de janeiro: Imago, 1999,

HOLANDA, Aurélio B. **Dicionário da Língua Portuguesa.** 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

LANDOWSKI, E. **A sociedade refletida: ensaios de sociossemiótica**. São Paulo: Educ/Pontes, 2002.

LOURENÇO, Eduardo. **O canto do signo: existência e literatura** (1957-1993). Lisboa: Editorial Presença, 1995.

MICHAELIS: **Moderno dicionário da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 2009.

PORFÍRIO, Francisco. **Alteridade**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm > acesso em: 13 de maio de 2024.

VERISSIMO, E. **Olhai os lírios do campo.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011. Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional: A cruz, 1938.